

22 de Fevereiro 2022
Terça-feira
Semanário - Ano 6
Nº 297
Director-Geral
Evaristo Mulaza



ANSEBA COLOCA GRUPO ACCORD À FRENTE

Kero reabre com cinco lojas em Luanda

COMÉRCIO. O novo gestor dos supermercados Kero vai abrir cinco das 12 lojas da rede, a partir de 2 de Março. O *Valor Económico* sabe que os cinco espaços devem reabrir todos em Luanda e o grupo Anseba criou uma nova empresa para gerir o negócio da distribuição, no caso, a Accord. Pág. 13

JOSEPH SMETS, EM EXCLUSIVO

Embaixador belga recomenda melhorias do ambiente de negócios e eleições “transparentes”

Pág. 10

CLÉBER CORRÊA ‘DEBAIXO DO FOGO’

Luta pelo poder provoca tensões na associação dos imobiliários

Pág. 8

GADO DO CHADE

Minagrip recusa explicar “desastre” assumido pelo PR

Pág. 7

JOSPHAT MAIKARA, EMBAIXADOR EM ANGOLA

No Quênia “já não é o Governo que hoje dorme e no dia seguinte diz o que pretende fazer”

Págs. 4 e 5



Editorial

A PROPAGANDA NÃO ENGANA

Não é a primeira, muito menos a segunda e não será a última ocasião que se fazem críticas abertas ao mau ambiente de negócios, com o foco na falta de segurança e na escassa transparência do mercado. Desta vez, as críticas, em formato de recomendações, surgem do embaixador da Bélgica em Angola. Sem os habituais rodeios da linguagem diplomática, Joseph Smets especifica a importância da segurança na atracção dos investidores estrangeiros e faz questão de relevar a necessidade de um “clima aberto” que incentive os empresários. Mais ao detalhe, aconselha que se deixe o sector privado trabalhar.

Ainda que o discurso oficial se sinta empurrado a contestar observações como as do embaixador Smets, a realidade não dá margens para tanto. À questão de segurança, por exemplo, ainda em meados de Novembro, o Valor Económico dedicou-lhe um editorial inteiro. A propósito da história inédita do estupro de um investidor estrangeiro numa esquadra policial de Luanda, lembrávamos que um país que quer atrair investidores estrangeiros não se podia dar ao luxo de negligenciar a segurança. Mais preocupante ainda quando a própria Polícia é incluída, pelos investidores e não só, entre os principais factores de instabilidade e de insegurança. Ou, nas palavras de um dos principais empresários chineses em Angola, “quando o polícia

se torna numa ameaça maior que o marginal”. Percebe-se, entretanto, que as preocupações do embaixador Smets são mais genéricas. Salvo qualquer distração patológica, qualquer um que viva em Luanda vê, a olho nu, que os níveis e o tipo de criminalidade que tomaram conta da capital deveriam ser, no mínimo, preocupantes. A qualquer hora do dia e em qualquer lugar, qualquer um está sujeito a ser assaltado. E o sentimento de insegurança, com certeza, vai-se deteriorando. Não é por acaso, aliás, que, no caso particular de cidadãos estrangeiros, volta e meia, são aconselhados pelos organismos e empresas em que trabalham a evitar circular em determinadas horas e em certos lugares. É uma espécie de um alerta laranja permanente. Com o agravante de que das autoridades não se conhecem planos para respostas à altura.

O mesmo diz-se em relação ao problema da abertura e da transparência do mercado. Apesar da melhoria do quadro legal do investimento

privado, particularmente o estrangeiro, com a remoção de algumas barreiras formais, o país mantém problemas graves de falta de abertura e de escassa transparência. A questão dos concursos públicos é paradigmática. Nos últimos anos, o Governo investiu, de forma desmesurada, na contratação simplificada. E, quando decidiu fazer concursos, pelo menos os mais importantes, fez quase tudo à medida para que os candidatos preferenciais ganhassem. Ou seja, fez concursos públicos de faz de conta. Basta verificar-se toda a contestação em torno da alienação da gestão dos terminais portuários. Ou os desvios e polémicas que suscitaram tantos outros, como o concurso das 500 viaturas do Ministério da Indústria e Comércio, o da gestão da Reserva Estratégica Alimentar e o leilão do BCI, só para citar estes. Enfim, no fundo, mensagens como a do embaixador belga querem dizer isso mesmo: que os investidores não se deixam enganar propriamente com a propaganda da transparência.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira
Editora Executiva Adjunta: Isabel Dinis
Redacção: Edno Pimentel, Emídio Fernando, Guilherme Francisco, Júlio Gomes e Suely de Melo
Fotografia: Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuesseca
Secretária de redacção: Rosa Ngola

Paginação: Edvandro Malungo e João Vumbi
Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló
Opinião: Alves da Rocha, António Vieira, Carlos Rosado de Carvalho, Ernest & Young, GongTao (embaixador chinês)
Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente da Administração: Geovana Fernandes

Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel
Departamento Comercial: Geovana Fernandes
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N° de Contribuinte: 5401180721
N° de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82
Endereço: Avenida Hoji-Ya-Henda, 127, Marçal, Luanda-Angola; 222 320511 Fax: 222 320514
E-mail: administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



OVÍDIO PAHULA,
jurista

Qual é o motivo da realização da conferência desta quarta-feira sobre o Cunene?

Vamos tratar da diversidade sociocultural da província. Vamos também 'mergulhar' nos aspectos que têm que ver com a vida económica e não só. Sou o conferencista e o doutor Victor Kajibanga, o moderador.

Sempre defendeu a ideia da divisão da província do Cunene em dois territórios...

Sim, agora até é oficial. O projecto está a merecer tratamento especial na Assembleia Nacional e creio que, a qualquer momento, será aprovado.

Uma das grandes preocupações no Sul do país é o roubo de gado. Este tema foi abandonado?

Não está abandonado, porque consta do código penal. Ou seja, enquanto deputado pelo MPLA, conseguimos, na nossa luta, fazer com que esse mal de que enfermam as comunidades autóctones do Sul de Angola constasse do código penal e, portanto, está legislado, havendo punições severas.

22

TERÇA-FEIRA

A consultora Oxford Economics Africa estima que Angola ira reduzir a inflação de 25,8%, de 2021, para 19,9% este ano, interrompendo a trajetória de subida dos preços, apesar da valorização do kwanza.

16

QUARTA-FEIRA

Relatório do Instituto Nacional de Estatística (INE) dá conta que a taxa de desemprego cresceu 7,5% no quarto trimestre de 2021 em termos homólogos e caiu 3,5%, face ao trimestre anterior.



SEGUNDA-FEIRA

O Ministério das Finanças nega, através de comunicado, a existência de dívida estimada em 66 milhões de dólares, reclamada pela empresa Prisma Comercial Lda.

17

QUINTA-FEIRA

Angola gastou 220 milhões de dólares entre 2019 e 2021 para a importação de perto de 144 mil toneladas de transformados de carnes, anuncia o ministro da Indústria e Comércio, Victor Fernandes.



18

SEXTA-FEIRA

Governo revela que, em 2021, as receitas brutas com petróleo somaram 27,8 mil milhões de dólares com a exportação de 394,22 milhões de barris de petróleo bruto.



19

SÁBADO

A Fundação BAI disponibiliza 1,3 mil milhões de kwanzas para projectos de formação de técnicos de elevada competência, promoção de saúde, cultura e desporto, para melhorar segmentos da economia nacional.



20

DOMINGO

O embaixador angolano no Brasil, Florêncio Almeida, e a subsecretária adjunta do Ministério da Economia do Brasil, Ana Repezza, reúnem-se para analisar o aprimoramento dos instrumentos existentes e a revitalização da cooperação financeira.



COTAÇÃO



PETRÓLEO SEGUE ANIMADO...

O petróleo iniciou a terça-feira quase a roçar os 100 dólares, atingindo o maior patamar desde 2014. O Brent, referência às exportações angolanas, no início da tarde, negociava quase a 94 dólares as entregas para Abril, enquanto o WTI negociava as entregas próximo dos 92 dólares.



BOLSA NORTE-AMERICANA SEGUE RECEOSA...

As acções norte-americanas começaram a terça-feira a cair devido aos receios de uma possível guerra no leste da Europa. O índice S&P 500 seguia a cair 0,32%, a 4.334,98 pontos, enquanto o Dow Jones descia 0,62%, a 33.867,29 pontos, e o Nasdaq Composite recuava 0,35%, a 13.500,63 pontos.

Entrevista

JOSPHAT MAIKARA, EMBAIXADOR DO QUÊNIA EM ANGOLA

“Se não houver intercâmbio de investimentos, a economia não cresce”

Defende que o futuro de África depende do empoderamento dos jovens e olha para o intercâmbio, em termos de investimentos, como crucial para o crescimento das economias dos países do continente negro. O diplomata queniano explica o estágio dos acordos assinados com Angola e aponta, caso a caso, as aprendizagens que os países podem adquirir, nos termos da relação bilateral.



acordos é que haja benefícios entre ambas as partes.

Ou seja, ainda não há resultados palpáveis...

O ministro angolano das Relações Exteriores, Tete António, esteve em Nairóbi em Agosto de 2021 e teve uma excelente reunião com o homólogo queniano e a ideia foi rever o andamento dos três acordos. Foi decidido também não só arrancar com esses acordos existentes, mas avançar igualmente para outras áreas.

Que áreas são essas especificamente?

No geral, até agora são 12 acordos que estão em processamento, destacando o de intercâmbio de investimentos. Entendemos que o intercâmbio em investimento é o ponto principal para o crescimento económico de um país. Se não houver intercâmbio, nesses aspectos, a economia não cresce. É aqui onde está o benefício maior.

Os acordos não incluem a facilitação de vistos, por exemplo?

O segundo ponto tem que ver com a facilitação de vistos nos passaportes diplomáticos. O terceiro item refere-se ao meio ambiente, ou seja, à conservação das plantas. O outro ponto a não negligenciar é do óleo e gás, ou seja, dos recursos minerais.

Há petróleo explorável no seu país?

O Quênia quer aprender com Angola, considerando a experiência nesse domínio do petróleo e gás. Temos esses recursos ainda em pequena escala, por isso é que queremos beber da experiência de Angola porque temos prospecção em curso.

Quando fala da exploração do meio ambiente não lhe ocorre agregar também o turismo?

África é muito abençoada quando se trata da variedade de espécies de animais. No caso, o Quênia tem uma fundação que trata da protecção dos elefantes. Temos um programa muito interessante nesse aspecto e Angola pode usufruir dessa experiência. De resto, quando juntamos o turismo com a conservação dos animais isso pode resultar em grande benefício para a economia.

Está a falar de investimentos quenianos para potenciar o turismo angolano?

O Quênia é forte no turismo e o potencial de Angola nesse domínio é muito grande. Logo, será uma grande vantagem trabalhar juntos.

Por Júlio Gomes

No ano passado, Angola e o Quênia assinaram três acordos de cooperação nos domínios técnico, científico, de consultas políticas e da criação de uma comissão bilateral. Como estão a ser implementados?

Permita-me dizer que as relações entre o Quênia e Angola são muito boas e têm tido um aumento muito positivo ao longo dos últimos anos. No lado político, os ministros têm interagido e a comunidade empre-

sarial também tem intensificado as suas relações. Portanto, há muito movimento entre os dois países.

Qual é concretamente o significado desse movimento?

Temos um número elevado de estudantes angolanos no Quênia.

Quantos?

Não temos dados específicos, mas os números vão aumentando cada vez mais.

E quanto às trocas comerciais entre os dois países?

Em 2020, as exportações para Angola cifram-se em 1,5 milhões de dólares, ao passo que, no sentido inverso,

no mesmo período, as importações se traduziram em 21,660 milhões de dólares.

Mas no domínio dos acordos o que foi feito?

No que concerne a essa questão, vou responder da seguinte forma: a 15 de Janeiro de 2020, assinámos alguns acordos, mas assinaremos também um acordo que tem que ver com o movimento das linhas aéreas a 10 de Setembro de 2024. Antes da pandemia, a Quênia Airways tinha uma frequência de três voos por semana. Tem, neste momento, uma pequena parceria com a TAAG. Quer dizer que, em termos de comunicação entre os dois países, não há problemas.

Mas os voos foram suspensos...

Por causa de alguns problemas técnicos, a Quênia Airways deixou de operar voos para Angola temporariamente. A transportadora aérea tem enfrentado, igualmente, problemas financeiros, mas o nosso país tem angariado fundos para voltar a fazer essa rota. Neste caso, esperamos que possivelmente em breve volte a operar. Contudo, o nosso desejo é ver a TAAG voar também para Nairóbi para que o passageiro tenha muitas opções em épocas de viagem. Mas, voltando aos acordos, em 2020 assinámos outro acordo no domínio da ciência, cultura, educação e tecnologia. De resto, o nosso objectivo em relação a esses

“Na área da polícia e segurança, a questão passa por mostrar aos angolanos como nós tratamos a questão das fronteiras quanto à sua protecção.”

Além disso, na outra área, os acordos têm que ver com o empoderamento da juventude. Aliás, o futuro de África depende dos jovens. Se 60% da população africana são jovens, então precisamos de tomar conta desses jovens.

Como isso pode ser feito?

Ainda é um acordo que está em processamento. Depois da assinatura, vamos definir em que área poderemos direccionar a acção. Quanto à tecnologia, ciência, educação e cultura, podemos salientar que a globalização tem acontecido e podemos intensificar e partilhar conhecimento. No sector da educação, o Quénia é bom, logo pretendemos passar essa informação sobre o método de trabalho para ajudar Angola. O mesmo que no sector da saúde. Aliás, para trabalhar, precisamos de saúde. Na área da polícia e segurança, a questão passa por mostrar aos angolanos como nós tratamos a questão das fronteiras quanto à sua protecção. A cultura também entra nas contas e aqui também podemos aprender com os angolanos quanto à preservação de monumentos.

E quanto à agro-pecuária e à economia azul?

Gostaríamos de aprender como Angola preserva as espécies. Como o país conserva os recursos marinhos e o desenvolvimento de cooperativas. Angola também pode aprender como os quenianos fazem as exportações e importações de mercadorias. Podemos transmitir como nós temos feito isso. Portanto, mais importante é haver intercâmbio em todos esses sectores de modo a tirar proveito mútuo. Esperamos que disso resultem sempre vantagens recíprocas.

Há investimentos angolanos no Quénia?

O histórico do engajamento entre os dois países é antigo. Temos angolanos a investir no Quénia e quenianos a investir aqui.

Quantos quenianos vivem em Angola?

Grosso modo, estamos a falar de uma comunidade que integra entre 500 e 1.000 pessoas.

Que novidades introduziu a nova Constituição do seu país, aprovada em 2010?

Antes da mudança da Constituição tínhamos oito províncias. Com a nova Constituição, de oito pro-

víncias passamos para 47 ‘counties’. Com essa divisão, os administradores dessas áreas tratam directamente das questões da água ou da educação. Portanto há mais autonomia. É basicamente a instituição das autarquias, porque o povo decide o que quer. Já não é o governo que hoje dorme e no dia seguinte acorda e diz o que pretende fazer.

O Quénia não foge à regra quando se fala de corrupção. Aliás, o fenómeno terá intensificado segundo analistas na era do presidente Daniel Arap Moi, que deixou o poder em 2002. Como lidam com isso?

Não é correcto dizer que, durante o mandato de determinado presidente, houve mais ou menos corrupção. Mas deixe-me dizer que, desde o primeiro ao quarto presidente, o objectivo foi sempre o combate à corrupção. Não se deve dizer que o fenómeno era mais intenso no tempo de um determinado presidente.

Mas como é levado a cabo o combate à corrupção?

O que tem sido feito até agora é controlar e punir os infractores. O Quénia é uma sociedade, por

isso vamos encontrar bons e maus actores. Para os maus, há mecanismos para punir.

Quais são as áreas de actividade económica mais importantes do Quénia?

O turismo é o principal motor da economia. A agricultura também ocupa o seu lugar com a produção de chá e do café em que somos um dos maiores produtores. O Quénia é o maior produtor de rosas do mundo. Todas as flores que saem do país vão para Amesterdão e daí ocorrem leilões e seguem para outras praças.

Por outro lado, o nosso chá vai para muitos países com destaque para a Índia e o Japão. O Egipto também é um forte comprador do produto. Aliás, o chá tem um grande consumo mundial e a Índia, o Egipto e o Paquistão são os maiores compradores, seguindo-se-lhes os Emirados Árabes Unidos e o Iémen.

Até que ponto os conflitos internos em dois países vizinhos (o Iémen e a Etiópia) afectam o desempenho da economia queniana?

Por norma, vendemos o produto

Perfil

Da Somália para Angola

Além de ter sido subsecretário do gabinete do presidente, Maikara é um administrador público qualificado, com vasta experiência e capacidade em segurança, resolução de conflitos nacionais e programas de erradicação da pobreza. Exerceu funções nos ministérios das Relações Exteriores e das Finanças. Posteriormente, na Presidência da República, respondeu pela administração provincial e segurança interna. Até 2015, foi embaixador na Somália. É formado em Diplomacia e Estudos Internacionais pela Universidade de Nairóbi, tendo ainda um diploma de pós-graduação em Relações Públicas e Gestão de Recursos Humanos. Também é habilitado em treinamento diplomático sénior no Instituto de Relações Exteriores da Indonésia e cursou Liderança Executiva no Instituto de Transformação Nacional do Uganda.

para quem pode comprar. Temos relações económicas com a Etiópia, mas nós mandamos para o Iémen. Considerando que são dois países vizinhos instáveis, o nosso objectivo é ajudar para que se tornem estáveis e que ultrapassem as diferenças. Temos um controlo sobre as fronteiras e procuramos também manter alguma relação para, pelo menos, manter a segurança no nosso país.

No final de 1990, o Quénia, o Uganda e a Tanzânia juntaram-se para criar a Comunidade dos Estados da África Oriental. Quais são os ganhos dessa integração?

Pertencemos a uma única comunidade. Neste caso, é o único mercado da África do Oeste e isso permite interagir. Dentro dessa pequena comunidade, temos a vantagem da movimentação e consumo de mercadorias sem interferência nenhuma. Estamos a falar de um mercado de 200 milhões de pessoas. Mais recentemente, a República Democrática do Congo (RDC) juntou-se também a esse projecto multinacional. Quanto mais países se juntarem, mais fortes seremos.

Quanto vale esse mercado?

Não tenho neste momento essa estatística, mas prometo responder numa próxima ocasião, com maior precisão. Vou fazer uma pesquisa sobre esses dados.

E como olha para a integração africana no âmbito da Zona de Comércio Livre?

É uma boa iniciativa que pode impulsionar o desenvolvimento.

África é, entretanto, um continente muito dependente em quase todos os domínios. Como sair dessa realidade?

É impossível que haja uma independência porque precisamos uns dos outros. Vamos sempre precisar de alguém.

E qual seria papel da educação nesse processo de redução da dependência externa?

Mesmo que os nossos quadros sejam bons, ou mesmo tendo os melhores quadros, não teremos muitas hipóteses se não nos relacionarmos com os outros países mais avançados. Não temos como. Mas a África de 1970 não é a mesma que temos hoje. Houve alguma evolução, mas o desenvolvimento como tal vai levar muito tempo.



Mário Nijétes © VE

Economia/Política

SINDICATOS DESALINHADOS COM AUMENTO SALARIAL

UNTA já aceita aumento de 50%, CG-SILA e Força Sindical mantêm rejeição da proposta

SALÁRIO. Depois da reunião com os ministérios das Finanças e da Administração Pública, Trabalho e Segurança Social, discurso consensual das confederações sindicais perde força.

Por Suely de Melo

A Central Geral de Sindicatos Independentes e Livres de Angola (CG-SILA), a Força Sindical e a União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (Unta) estão desalinhadas quanto ao aumento salarial na ordem dos 50%, anunciado em Janeiro.

Depois do discurso em uníssono das forças sindicais contra a percentagem lançada por João Lourenço, a Unta afirma agora não querer “fazer mais ruído” sobre o tema, enquanto a CG-SILA e a Força Sindical continuam a opor-se à decisão governamental.

A diferença ficou patente no encontro entre as três forças sindicais e os ministérios das Finanças (Minfin) e da Administração Pública, Trabalho e Segurança Social (MAPTSS). Ou seja, à saída do encontro, uns saíram convencidos, outros nem tanto.

No caso da CG-SILA, mantém-se a renúncia ao aumento de 50%. O secretário-geral, Francisco Jacinto, assegura que ainda aguarda um posicionamento do Presidente da República. “Reafir-

mámos, no encontro, que não estamos de acordo com este valor, não estamos de acordo com a forma como foi implementado e não estamos de acordo com facto de não termos sido contactados para um diálogo mais amplo e exaustivo no qual pudéssemos chegar a um acordo”, contesta.

De acordo com Francisco Jacinto, na reunião, ficou acordada a criação de um comité entre o Governo e os sindicatos, para que, futuramente, haja mais diálogo entre as partes.

No mesmo diapasão, está a Força Sindical, que é categórica em afirmar que “está de acordo com o aumento, mas não com a percentagem imposta”.

Cleofas Venâncio, secretário da Força Sindical, lembra que a proposta de aumento de 50% remonta a 2020, pelo que “já não condiz com a realidade do país”. Tal como a CG-SILA, a Força Sindical aguarda um posicionamento do Presidente da República.

Quem já parece mais convencida é a Unta, que entende que, “de

forma implícita, houve alguma vontade em resolver o problema”, justificada com o facto de se terem reunido com o MAPTSS e com as Finanças, “a primeira reunião em 20 anos”, enfatiza.

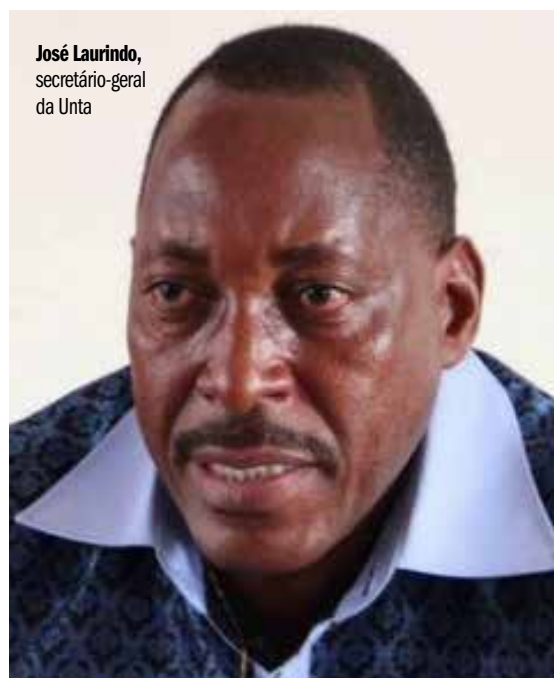
O secretário-geral da Unta, José Laurindo, garante, entretanto, que, durante a reunião, manteve a posição de discordância com a percentagem de aumento do salário mínimo nacional. “Reafirmamos que o movimento sindical não está de acordo com os valores anuncia-

dos para o aumento no salário mínimo nacional”.

Ainda assim, Laurindo mostra-se “mais convencido” de que o aumento do salário mínimo na ordem dos 50% deixou de ser um problema, aceitando a percentagem apresentada pelo Governo. “Não queremos fazer mais ruídos sobre isso porque nos entendemos. Houve desculpa de parte a parte. Houve algumas falhas, mas a reunião serviu para a correcção dos erros que se têm cometido”, explica.

A 28 de Janeiro, o presidente do MPLA, João Lourenço, anunciou, em Menongue, Cuando-Cubango, que o Executivo aprovaria o aumento do salário mínimo nacional e o ajustamento dos salários da função pública. A 31 do mesmo mês, o Conselho de Ministros aprovou o aumento do salário mínimo nacional na ordem dos 50%.

Os movimentos sindicais não tardaram em pronunciar-se e mostraram-se contra a percentagem estabelecida, tendo emitido, na sequência, uma nota de repúdio remetida, no princípio de Fevereiro, ao Presidente da República. Posteriormente, aconteceu o encontro entre a CG-SILA, a Unta, a Força Sindical e o Ministério das Finanças e o MAPTSS.



José Laurindo,
secretário-geral
da Unta



Francisco Jacinto,
secretário-geral
da CG-SILA

A ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORAS de Trigo de Angola assegura que a capacidade instalada no país suporta a procura anual de cerca de 650 mil toneladas de farinha, estimada pelo Ministério da Indústria e Comércio como o total do consumo nacional.

Até Junho de 2021
contabilizavam-se 500
animais mortos

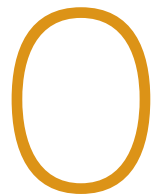


IMPORTAÇÃO DE GADO DO CHADE

Minagrip recusa-se a explicar “desastre” assumido pelo PR

DÍVIDA. Em Junho do ano passado, relatório interno da Agricultura apontava a morte de 42 bovinos ao longo da viagem Chade-Angola OVE. Contabilizou cerca de 500 o total de animais mortos até então, incluindo os perecidos já em solo angolano.

Por Redacção



Ministério da Agricultura e Pescas recusa-se a dar explicações sobre a situação do gado importado do Chade, como pagamento de uma dívida de 100 milhões de dólares a Angola, depois das declarações do Presidente da República, que classificaram o processo como um “desastre”.

Antes de João Lourenço, isto em Junho do ano passado, este jornal divulgou, em exclusivo, as

conclusões de um memorando de recepção do primeiro lote de 4.351 bovinos, que davam conta da morte de pelo menos 42 cabeças, durante a viagem do Chade para Angola, devido ao “estado debilitado que apresentavam os animais”.

Com a recolha de vários dados que informam sobre a morte de centenas de outros animais já em solo angolano, o **Valor Económico** calculou em cerca de 500 o número de bovinos perecidos, pelo menos até Junho de 2021. Informação que acabou, entretanto, contestada pelo ministro da Agricultura e Pescas, António Francisco de Assis. “Não confirmo. Não é uma informação oficial do Ministério da

80

Milhões de dólares, valor da dívida do Chade com Angola a ser paga com gado

Agricultura e Pescas”, declarou na altura. O governante garantia ainda que o gado adoeceu no país, contrariamente ao que afirma o memorando de recepção do primeiro lote.

Menos de um ano depois, João Lourenço, sem precisar números, apontou o fracasso da

operação, apesar de ter garantido também a continuação do processo “tão logo o sector da agricultura diga que é chegado o momento”.

Face às declarações de João Lourenço, o **Valor Económico** recorreu então ao ministério gerido por Francisco de Assis, questionando nomeadamente sobre o número actualizado de bovinos mortos e os prazos de retoma do processo. Entretanto, depois de ter solicitado e recebido o questionário, respondeu que não daria respostas, remetendo esclarecimentos para uma oportunidade futura.

O chamado ‘memorando de recepção do primeiro lote de 4.351 bovinos’, elaborado por técnicos do próprio Ministério da Agricultura e Pescas que se haviam deslocado ao Chade, observa que, apesar de terem sido vacinados e tratados para o controlo das carraças, o gado se encontrava “num estado de desgaste nutricional, provocado pela escassez de pastos e superalimentação com torta de semente de algodão adquirida a partir da República dos Camarões”. Segundo ainda o referido documento interno, Angola havia recebido menos 149 cabeças que a quantidade prevista para o primeiro lote que seriam de 4.500. “E nenhuma informação técnica foi fornecida aos membros da comissão mista, quer em Angola, quer no Chade, da situação real e as ocorrências que foram registadas no percurso de Baiboukoun/ Chade a porto do Kribi/ Camarões, visto que o efectivo previsto do primeiro lote não corresponde ao que foi registado na chegada em Luanda”, escreveram os técnicos.

A importação do gado resulta do ‘Protocolo de Modificação das Modalidades de Pagamento da Dívida do Chade com Angola’, assinado em N’Djamena, a 16 de Julho de 2019. A dívida está avaliada em 100 milhões de dólares, 80 milhões dos quais objecto de reembolso em espécie para a remessa de 75 mil bovinos (75% de novilhas e 25% de novilhos, com 2 e 3 anos de idade).

Para a operação de importação do gado, o Governo investiu cerca de 2 mil milhões de kwanzas (mais de 3 milhões de dólares), com fundos do Orçamento Geral do Estado.

Economia/Política

FALTA DE ELEIÇÕES NA APIMA

Profissionais imobiliários entram em ruptura e lutas pelo poder

CONFLITO. Está instalado um clima de tensão na Associação dos Profissionais Imobiliários (Apima). Membros acusam actual direcção de querer “perpetuar-se” no poder. Ao Valor Económico, presidente da mesa afirma que a pandemia e a revisão do estatuto adiaram as eleições, avançando que o pleito se realiza no próximo mês.

Por Guilherme Francisco

A falta de eleições desde 2020, altura em que terminou o mandato da direcção ainda em funções, provocou um clima de aceso conflito na Associação dos Profissionais Imobiliários (Apima), que tende a resvalar para ataques pessoais.

Membros insatisfeitos acusam o presidente Cléber Correia de somente trabalhar com um pequeno grupo da sua conveniência. Paulino Makanga, primeiro vogal do Conselho Fiscal, declara existir “marginalização” e nota que os restantes membros não são convocados para reuniões de alto nível, acusando o presidente de supostamente “pretender perpetuar-se” no poder com a revisão dos estatutos.

“A revisão que se fez ao estatuto foi feita na perspectiva de manter-se com o seu grupo. A Apima está transformada em casa de alguém. O próprio secretário-geral não é ouvido, não assina nada, não é tido nem achado nas questões em que o Governo solicita pareceres”, denuncia.

Por sua vez, Cláudio Carvalho conta que colocou à disposição o cargo de primeiro vogal do



Conselho Fiscal pela falta da realização de eleições com o fim do mandato da direcção e alega existir uma estratégia “bem montada” para o grupo restrito continuar na presidência.

“A tendência é projectar um angolano a favor dele que depois lhe cede lugar para poder aparecer. No passado, já me tinham feito esta proposta de ocupar a presidência”, alega, sublinhando que não compreende como uma instituição da dimensão da Apima não tem sede própria, nem é capaz de defender os seus membros, em caso de conflitos.

“Eu já fui burlado por alguém da direcção. Quando recorri à asso-

MEMORIZE

● **Paulino Makanga**, primeiro vogal do Conselho Fiscal, declara existir “marginalização” e nota que os restantes membros não são convocados em reuniões de alto nível.

ciação, fizeram ouvidos de mercador. Como associado, não volto a pôr dinheiro numa associação que não apresenta segurança nenhuma. A Apima só sobrevive hoje para aqueles que querem continuar a abrir portas, ter visibilidade em

nome de um imobiliário desorganizado”, acusa.

Cléber Correia refuta as acusações, declarando que “o que mais deseja” é a realização de eleições. E acrescenta que as alterações ao estatuto serviram para travar eventual “golpe”. “Tínhamos receio [nós os mais antigos] que alguém, vendo a projecção da Apima, que está cada vez maior, colocasse 20 a 30 pessoas de uma vez e apresentasse candidatura, tornando-se o presidente, seria um golpe. Quem pode votar é quem tem seis meses com as quotas em dia, a candidatura [à presidência] só com dois anos de associação”, argumenta.

Correia explica que a associação sempre teve escritório, no caso, um apartamento na centralidade do Kilamba colocado à disposição por um dos membros, apesar de não ter sido entregue de forma oficial e directamente. O benfeitor comunicou apenas no grupo da rede social WhatsApp. “Querem tomar à força a direcção”, atira.

ELEIÇÕES JÁ PARA MARÇO

Ao *Valor Económico*, o presidente da mesa, Hélder Costa, justifica a falta de eleições, nos dois últimos anos, com a pandemia da covid-19, e com a necessidade de alteração do estatuto no final do ano passado. No entanto, avança que tem “tudo pronto” para se realizar já em Março próximo.

“Estávamos muito presos a estatutos conservadores que não permitiam uma outra dinâmica. Havia a necessidade de analisar os artigos com os quais não estávamos de acordo. Foram concebidos há uns anos, a dinâmica do mercado e da sociedade é outra, achamos que podíamos propor algumas alterações e foram aceites pelos membros”, afirma, contrariando os argumentos do primeiro vogal do Conselho Fiscal.

Hélder Costa assegura que a associação está pronta a mudar-se para o espaço cedido por um dos membros na centralidade do Kilamba, perspectivando para este ano a sede definitiva.

A COMISSÃO ECONÓMICA do Conselho de Ministros aprovou, nesta terça-feira, as medidas de abastecimento técnico-material do Plano Integrado de Aceleração da Agricultura e Pescas Familiar.

Mário Mujetes ©VE



Gilberto Simão, presidente da Associação das Indústrias de Panificação e Pastelaria de Angola (Aippa)

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

AIPPA quer ver Governo a obrigar importadores a apoiarem nacionais

INDÚSTRIA. Líder dos panificadores denuncia tratamento “discriminatório” dispensado a empresários pelo Governo e volta a apontar o dedo contra os “cartéis que levam tudo e não deixam nada”, precisando que a importação é protegida porque rende comissões.

Por Júlio Gomes

A entrada em funcionamento de duas fábricas do grupo Carrinho em Benguela foi elogiada pelo presidente da Associação das Indústrias de Panificação e Pastelaria de Angola (Aippa), Gilberto Simão, para quem as unidades “alavancam a produção interna”.

Gilberto Simão critica, no entanto, o alegado tratamento

discriminatório dado aos empresários, argumentando que uns são “filhos de pai e outros não”. “Enquanto não houver uma medida do Governo de apoiar e proteger a produção interna, as coisas não poderão funcionar”, observa, precisando que os apoios ao Grupo Carrinho devem ser extensivos aos empresários que demonstrem competência. “Além disso, é necessário impor aos importadores a regra de alocar uma parte do dinheiro à produção nacional”, sugere.

O responsável da Aippa nota que a associação não é contra a importação, mas “contra os

cartéis que levam tudo e não deixam nada”, manifestando-se “agastado” com o facto de, por exemplo, as importações de trigo para as três moageiras do país custarem 300 milhões de dólares anuais. “Não sobra nada para incentivar os produtores do trigo, como o empresário Vinevala, que, muitas vezes, tem produto mas não é comprado, quando o dinheiro que vai para a mão do importador é do Governo”, contesta. “Se o Governo decidisse que, dos 300 milhões de dólares da importação, 20% ou mesmo 30% devem ser subtraídos para impulsionar

320

Empregos que o grupo Carrinho terá criado com a inauguração de duas novas fábricas.

17

Fábricas que compõem o complexo do Grupo Carrinho, em Benguela

o cultivo local, estaríamos, desta forma, a implementar o Prodesi”, calcula, ressaltando que “o problema é a falta de vontade política, já que as importações feitas desta forma sem travão rendem comissões”.

CARRINHO À FRENTE

Dizendo-se preocupado com a problemática da matéria-prima, o director executivo do Complexo Industrial Carrinho (CIC), Décio Catarro, especificou que os técnicos da Carrinho Agri já estão no campo a fazer o cadastramento de famílias para fomentar a produção agrícola, com o objectivo de reduzir a importação e, dentro de um ano, ter também fornecedores nacionais.

A refinaria de óleo vegetal e a fábrica de ração animal do CIC já estavam prontas desde 2019, carecendo apenas da montagem das linhas de produção por especialistas estrangeiros, entretanto, travados pela pandemia.

A refinaria está a produzir com óleo cru importado e a engarrafar o produto em embalagens de 250ml, 500ml, um, três e cinco litros, colocado em caixas de cartão. Conta com uma capacidade diária de 400 toneladas, numa primeira fase, e pode duplicar a produção, com a entrada da segunda linha no próximo mês de Maio.

Quanto à fábrica de ração animal, de acordo ainda com Décio Catarro, está a transformar e a embalar farinha granulada e migalhada, em sacos de 30 quilos, bigbags de 100 kg ou a granel.

O ministro da Indústria e Comércio, Victor Fernandes, e o governador de Benguela, Luís Nunes, presenciaram o arranque destas unidades industriais às quais se vão juntar a unidade de extracção de óleo de girassol e de soja e a refinaria de açúcar, cuja inauguração está prevista para dentro de 18 a 20 meses.

Com a inauguração das duas unidades fabris, o CIC garante mais 320 novos postos de trabalho. Localizado no bairro da Taka, em Benguela, o complexo conta já com 17 fábricas, nomeadamente moageiras de trigo, fuba e a fábrica de descasque de arroz, polimento, branqueamento e classificação e embalagem de produtos transformados como bolachas e cereais, num investimento inicial de 600 milhões de dólares.

Economia/Política

Diamantino de Azevedo,
ministro dos Recursos
Minerais, Petróleo e Gás



CONFERÊNCIA ACONTECE NO DUBAI

Angola na maior bolsa de diamantes

O ministro dos Recursos Minerais, Petróleo e Gás, Diamantino de Azevedo, encabeça

uma comitiva que integra empresas públicas (Endiama e Sodiam), bem como operadores privados como o grupo Mountain Stability, detentor da Satidiam & Yetwene, que participa, nesta terça-feira, na Dubai Diamond Conference (DMCC). O evento decorre à margem da Expo 2020 Dubai, visando a promoção da indústria das pedras brilhantes.

O embaixador angolano nos Emirados Árabes Unidos, Albino Malungo, o governador da Lunda-Norte, Ernesto Muangala, o vice-governador da Lunda-Sul, Evanerson Kaputu, e o ex-PCA da Ensa, Manuel Gonçalves, também integram a delegação que deverá participar em várias sessões que buscarão responder à 'natureza mutante do

comportamento do consumidor', os riscos e oportunidades para as empresas de diamantes no próximo ano' e 'as formas de aproveitar este momento positivo para fortalecer toda a indústria diamantífera'.

Entretanto, o presidente e director executivo da DMCC, Ahmed Bin Sulayem, bem como o presidente do conselho Dubai Diamond Exchange entendem que "a indústria global de diamantes não apenas se recuperou da pandemia", mas "voltou com vigor renovado".

Depois da reunião da directoria do Conselho Mundial de Diamantes, incluindo o jantar de gala DDC que sediará o Jewellery World Awards, organizado pela Informa Markets, o novo show Jewellery JGT Dubai, serão realizadas, nos dias 24 e 25 de Fevereiro, reuniões dos presidentes da Federação Mundial de Bolsas de Diamantes (WFDB) e da Associação Internacional de Fabricantes de Diamantes (IDMA).

TRANSPARÊNCIA NAS ELEIÇÕES TAMBÉM VISADAS

Bélgica recomenda a Angola melhoria do ambiente de negócios

DIAMANTES. Diplomata destaca a necessidade da segurança para a atracção do investimento. E espera que os angolanos se expressem, em Agosto, num processo "transparente".

Por Redacção

A pretensão do país de criar uma bolsa de diamantes passa, em primeira instância, no entender do embaixador da

Bélgica, Joseph Smets, pela criação de melhores condições em termos de ambiente de negócios.

Em declarações ao **Valor Económico**, à margem do 'Valentine's Diamond Show', evento organizado pela agência Bumbar Media, Smets destaca-se a "importância" da segurança para a atracção de empresários, especificando que, apenas dessa forma, Angola poderá tirar proveito das lições da bolsa de Antuérpia. "Criar espaços para um clima de investimento

aberto que incentiva os empresários, deixar o sector privado trabalhar, criar condições fiscais agradáveis que permitam estes empresários trabalharem", acrescenta o diplomata, que, em relação às eleições de Agosto, espera que aconteçam em condições de "transparência, que permita ao povo angolano exprimir-se."

A previsão do Ministério dos Recursos Minerais, Petróleos e Gás (Mirempet) é de começar este ano, de forma experimental, a bolsa de diamantes.

O diplomata refere que vários empresários belgas estão interessados em investir no país no ramo mineiro, embora alguns tenham iniciado também noutros sectores. Por exemplo, dezenas já se cadastraram para participar no fórum empresarial União Europeia - Angola, a ter lugar a 24 de Março. Por isso, está em processo a

"transferência de algumas competências de Antuérpia para Angola" de forma a criar uma espécie de janela que facilite os investidores.

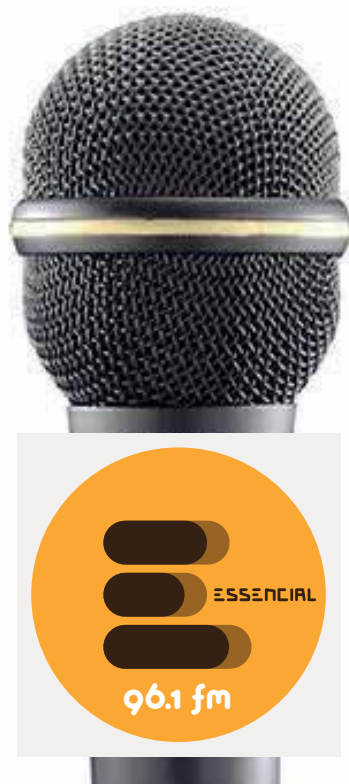
"A cooperação não se vai centrar só no sector mineiro. Posso dizer, com um pouco de orgulho, também no sector portuário. O porto de Antuérpia e os portos de Angola têm contactos intensos. Também no sector ferroviário haverá, em breve, o grande projecto do caminho-de-ferro de Benguela, do consórcio europeu de alto nível, do qual faz parte uma empresa belga. Estamos muito interessados neste sector", assegurou.

O 'Valentine's Diamond Show', considerado o primeiro desfile de jóias com diamantes angolanos, foi organizado pela agência Bumbar Media, no último sábado, 19, em Luanda, e contou com o apoio da Rádio Essencial e do **Valor Económico**.



O QUE É ESSENCIAL NOS DIAS DE HOJE?

96.1 fm



Mercados & Negócios

Companhia de bandeira esteve no 'top 10' das melhores companhias de África em 2018 e 2019.



RELATÓRIO DA SKYTRAX DE 2021

TAAG fora das 10 melhores companhias de África

AVIAÇÃO. Depois de vários anos entre as melhores do continente, companhia de bandeira desaparece da restrita lista.

Por Redacção

A TAAG está fora do 'top 10' das melhores companhias africanas de 2021 do ranking da auditora britânica 'Skytrax', depois de constar da restrita lista em 2017, 2018 e 2019.

No ranking anterior, a companhia de bandeira aparecia na sétima posição, acima da Mango, companhia estatal sul-africana de baixo custo, da companhia de bandeira do Egipto, Egyptaire, e da Air Austral que, apesar de francesa, faz ligações em África.

Contrariamente aos relatórios anteriores, o referente a 2021 considerou um período maior de pesquisa aos clientes. Realizou-se entre Setembro de 2019 e Julho de 2021.

"A maior parte de 2020 e 2021 foi um período catastrófico para o sector aéreo mundial, à medida que a demanda de passageiros caiu e países de todo o mundo foram afectados por bloqueios e severas restrições de viagem. A pesquisa com clientes da Skytrax funcionou por 23 meses, com os prémios 2021 representando uma mistura de tempos de viagens mais normais, combinados com algumas viagens durante a pandemia global. Avaliando as 20 princi-

pais companhias aéreas, houve alguns movimentos para cima e para baixo em relação aos resultados de 2019, embora um núcleo de companhias aéreas ainda domine essas posições mais altas", explica a auditora.

A companhia etíope, Ethiopian Airlines, é a melhor companhia de África, seguindo-se a South African Airways e a Kenya Airways. Fazem ainda parte da lista das 10 melhores a Royal Air Maroc, Air Mauritius, Air Seychelles e a RwandaAir, bem como a Fly Safair, a Egyptair e a Fastjet.

Por sua vez, a Qatar Airways posicionou-se como a melhor companhia do mundo, seguindo-se a Singapore Air-

1

A etíope, Ethiopian Airlines é considerada a número um da aviação em África

lines, a ANA All Nippon Airways, Emirates, Japan Airlines e a Cathay Pacific Airways. Do 'top 10' das melhores do mundo conta ainda a EVA Air, a Qantas Airways, a Hainan Airlines e a Air France.

NOTA NEGATIVA POR FALTA DE AUDITORIA

A companhia angolana aparece com nota negativa no item 'auditoria' na lista anual das companhias aéreas mais seguras do mundo da AirlineRatings.com, que controla 385 companhias no mundo, avaliando factores como acidentes e registos de incidentes graves, a idade das aeronaves, bem como protocolos e inovação operacional relacionados com a covid-19.

Em dois dos quatro itens analisados, a TAAG não recebeu qualquer pontuação, no caso a 'auditoria' e a 'compatibilidade à covid-19'.

No que diz respeito à auditoria, a instituição analisa a auditoria da IOSA, a auditoria do país da ICAO, as proibições da União Europeia e da Autoridade Federal de Aviação dos EUA. "Se a companhia aérea ou o seu país de origem passar em todas essas auditorias, será concedida uma estrela. Se houver alguma falha, a estrela é removida", explica a instituição.

Outro ponto em que a TAAG não recebeu qualquer nota tem que ver com as condições criadas pelas companhias para se adaptarem aos riscos da covid-19. Entretanto, recebeu notas positivas pela ausência de acidentes graves relacionados com pilotos, bem como pela falta de fatalidades nos últimos dez anos, no item que analisa a morte de tripulantes e/ou passageiros a bordo da aeronave devido a um acidente.

O BFA PASSA a cobrar taxas de juros mais altas para novas operações dos diferentes créditos a clientes particulares, a partir desta terça-feira, 22.

MISTURA DE CINZA DOS RESTOS DA CANA, DENDÉM E CAL

Projecto angolano apresenta cimento de baixo custo

INDÚSTRIA. Produção de novo cimento ecológico tem promessa de financiamento de 1 milhão de dólares pela mão de investidores namibianos, mas vai precisar de outros 2 milhões para a construção das casas-modelo.



Jorge Rufino,
investigador e
dono do projecto

PRIMEIRAS LOJAS

Kero
reabre com
a gestão
da Accord

A rede de híper e supermercados Kero reabre as primeiras cinco lojas, das 12 existentes em Luanda, Benguela, Huíla e Huambo, a 2 de Março, sob gestão do grupo Accord, criado pelo grupo Anseba exclusivamente para o efeito.

Segundo fonte da empresa, em exclusivo ao Valor Económico, a opção pela criação de um novo grupo para gerir a rede deve-se ao objectivo de tornar “o Kero novamente na maior empresa de retalho” do país. Este objectivo, acrescenta, poderia ser comprometido visto que a Anseba concentra as inúmeras actividades na distribuição, retalho informal, e trader de importação e exportação.

As primeiras cinco lojas a reabrir, simultaneamente na próxima quarta-feira, estão todas em Luanda e localizadas no Nova Vida, Kilamba, Morro Bento, Mártires e Combatentes. A abertura acontece um mês após a assinatura do contrato de exploração e gestão da rede durante dez anos, sem opção de compra.

Recentemente, o grupo eritreu comunicou, através da página oficial no Facebook, que está à procura de fornecedores nacionais de produtos agrícolas ou industriais. Igualmente, criou mais um correio electrónico para a recepção das candidaturas às vagas de emprego devido aos “elevados números” de candidaturas.

Por Guilherme Francisco

Por Mateus Mateus

Angola poderá contar, ainda este ano, com um novo tipo de cimento de baixo custo que resulta segundo o investigador angolano Jorge Rufino, de uma descoberta no âmbito de uma pesquisa para a tese de doutoramento.

Produzido de uma mistura da cinza dos restos da cana-de-açúcar, do dendém e 5% de cal, depois de um conjunto de análises em laboratórios da Espanha e de Cuba, o novo tipo de cimento, denominado Ecoyeto, já conta, para a produção, com uma promessa de financia-

mento de 1 milhão de dólares, pela mão de investidores namibianos. O montante destina-se essencialmente à aquisição de equipamentos e à instalação da fábrica deste cimento ecológico, considerado de baixo custo, com os cálculos a apontarem para entre 1.500 e 2 mil kwanzas cada saco de 50 quilos.

Além do financiamento namibiano já garantido, segundo Jorge Rufino, a materialização do projecto fica dependente, entretanto, de um outro financiamento de cerca de 2 milhões de dólares para a construção de casas-modelo com este material. “Vamos construir e, quando a população se aperceber de que a construção é boa, vai querer aprender. Assim, nós vamos massificar, ensinando as pessoas como é que

devem trabalhar, fazer a mistura e como se constrói”, calcula.

Rufino assegura que o cimento já foi testado em várias regiões do país para verificar a reacção dos solos, tendo mostrado “melhor desempenho” em zonas arenosas. “Fizemos vários blocos de adobe e levantámos algumas paredes ao ar livre para avaliar a resistência e, durante 28 dias, comportou-se perfeitamente”, conta.

O cimento servirá, principalmente, para o fabrico de adobes estabilizados, que, segundo Rufino, permite construções de casas com custos baixos, como são as construções na África do Sul, onde as habitações são maioritariamente feitas com adobe estabilizado. O especialista defende que as casas de adobe,

construídas de forma empírica, têm muito tempo de vida e, com o uso desta solução, poderão demorar mais tempo ainda.

O especialista entende que o projecto “pode trazer solução aos problemas que o Governo nunca conseguiu resolver”, como as promessas de construção de milhares de casas para as famílias de baixa renda. “O Estado está obrigado a construir casas de pessoas de baixa renda, porque as de média e alta devem ser deixadas para os promotores imobiliários fazerem.”

Sem estar definido ainda o local de instalação da fábrica, as províncias de Malanje, Uíge e Cuanza-Norte adiantam-se entre as candidatas a receber a infra-estrutura.

DE JURE

NA HUÍLA

Ordem quer maior celeridade processual



Mário Mujitas OVE

Por Redacção

O bastonário da Ordem dos Advogados de Angola (OAA), Luís Paulo Monteiro, reclama dos “excessivos” atrasos das audiências por parte de magistrados e da falta de celeridade processual na Huíla e alerta para a inversão do quadro junto dos órgãos de justiça da província.

Durante a posse do novo representante da Huíla, Luís Paulo Monteiro revelou que a Ordem tem recebido denúncias de filiados, ligadas à morosidade da actuação processual e da pouca produtividade dos tribunais locais.

Na ocasião, o bastonário anunciou o novo exame nacional para advogados estagiários para 27 de Abril, pelo que o conselho recém-eleito deve sensibilizar os advogados estagiários a inscreverem-se.

Já o novo presidente do Conselho provincial da Ordem dos Advogados na Huíla, Henriques

Ernesto, afirmou que, no mandato, vai adoptar uma política de maior proximidade para com filiados, prestando-lhes um apoio efectivo.

Uma outra aposta, segundo disse, será procurar melhorar a comunicação do conselho, para garantir maior credibilidade e fiabilidade aos actos dos causídicos, assim como a promover a jovem advocacia e da advocacia no feminino.

A OAA controla quatro mil advogados com carteira e cinco mil advogados estagiários, 487 dos quais estão na Huíla.



OPOSIÇÃO EM MOÇAMBIQUE

Nyusi “deve ser ouvido” em tribunal

O actual chefe de Estado moçambicano, Filipe Nyusi, deve ser ouvido pelo tribunal no caso das dívidas ocultas, defendeu esta segunda-feira o presidente da Renamo, Ossufo Momade.

“O presidente da República deve ser ouvido no âmbito do processo que está a correr, porque nos termos do artigo 35 da Constituição todos os cidadãos são iguais perante a lei”, declarou o líder da Renamo em conferência de imprensa em Maputo.

Em causa está o facto de o antigo presidente moçambicano Armando Guebuza ter insistido, na semana passada, que Filipe Nyusi podia esclarecer detalhes da execução do Sistema Integrado de Monitoria e Protecção (SIMP), uma vez que era coordenador do comando operativo, na qualidade de ministro da Defesa, na época em que os projectos que culminaram com as dívidas ocultas foram concebidos.

Na sequência das declarações de Armando Guebuza, que falava em tribunal como declarante, a Ordem dos Advogados de Moçambique (OAM), que

actua no processo como auxiliar do Ministério Público, submeteu um novo requerimento para que Filipe Nyusi seja interrogado no caso, mas o pedido foi rejeitado pela terceira vez pelo juiz do processo principal das dívidas ocultas, Efigénio Baptista.

Para a Renamo, a posição do tribunal revela que o sistema judicial moçambicano está “capturado por um regime criminoso”.

“O comportamento do tribunal e da Procuradoria-Geral da República é mais uma evidência de que o Estado está capturado por um regime criminoso”, frisou o presidente da Renamo.

Além de insistir na audição do actual chefe de Estado moçambicano, a Renamo criticou o posicionamento de Armando Guebuza, que alegou que seria “irresponsável” pedir ao parlamento a aprovação das dívidas ocultas porque o principal partido da oposição, que tem representação parlamentar, estava em guerra com o governo.

As audiências do julgamento das dívidas ocultas começaram em 23 de Agosto de 2021.

Há 19 arguidos acusados pela justiça moçambicana de se terem associado em “quadrilha” e delapidado o Estado moçambicano em 2,7 mil milhões de dólares.

CONCLUI UMA PESQUISA NORTE-AMERICANA

Empresas pagam 16% menos às mulheres quando têm uma CEO

REMUNERAÇÃO. Estudo do 'Journal of Applied Psychology' conclui que, afinal, pode não ser tão bom, como a priori se pode pensar, para as executivas de uma empresa, quando esta tem como CEO uma outra mulher.

Por Redacção

Os pesquisadores descobriram que, “se uma alta gerente (feminina) é liderada por uma CEO mulher, a remuneração é aproximadamente 16% menor do que seria se a empresa tivesse um CEO homem”.

“Usando mais de 20 anos de dados sobre as equipas de gestão de topo das 1.500 maiores empresas dos EUA, descobrimos que as mulheres (mas não os homens) na gestão de topo ganham significativamente menos com um CEO do sexo feminino do que ganhariam com um CEO do sexo masculino num determinado ano dentro de uma determinada empresa. Teorizámos que esses resultados são consistentes com o argumento de que uma alta gerente confere à empresa benefícios de diversidade, que se tornam redundantes quando há uma CEO mulher. Assim, a alta gerente focal recebe menos com uma CEO do que ela ganharia com um CEO do sexo masculino”, lê-se na apresentação do estudo.

É importante observar que essa discrepância salarial é uma



média e certamente não se aplica a todas as empresas. Os altos executivos homens ganhavam o mesmo, independentemente de trabalharem para um CEO homem ou mulher.

A CULPA É DA QUOTA DE DIVERSIDADE CUMPRIDA

Os pesquisadores apresentam duas possíveis razões para que as gestoras ganhassem menos em empresas com mulheres na liderança executiva. A primeira teoria dá conta que as mulheres são mais críticas em relação às

20

Anos, tempo a que se reportam os dados usados no estudo

subordinadas e, portanto, é maior a tendência de pagar menos a outras mulheres.

Por outro lado, apontam que, provavelmente, as CEO não são as responsáveis pela ‘má’ remuneração das subordinadas. Acrescen-

tam que encontraram evidências de que as organizações que têm como CEO uma mulher investem menos para manter as outras mulheres em cargos de chefia. No entender dos investigadores, as organizações acreditam que ao terem uma CEO, esta simboliza bem o interesse da diversidade de género da empresa

“Uma CEO pode, portanto, tornar redundante a presença de outras mulheres na alta administração para fins de diversidade, permitindo que a empresa pague menos do que pagaria se tivesse

um CEO do sexo masculino”, escrevem os pesquisadores.

FORBES: DUAS MULHERES SÃO “SUFICIENTES”

Na sequência do estudo, a Forbes recordou que essa noção de que as organizações lutam pela mínima diversidade de género necessária para evitar críticas e reacções adversas foi encontrada em outras pesquisas. “Um estudo examinou todos os directores dos conselhos de empresas do S&P 500. Os pesquisadores descobriram que os conselhos viam a diversidade para agradar críticos em potencial, nomeando exactamente duas mulheres para a direcção. Na verdade, 45% dos conselhos incluem exactamente duas mulheres. Uma vez que as organizações tinham duas mulheres no conselho corporativo, parecia que tinham pouco incentivo para adicionar uma terceira”, escreve a Forbes, lembrando que “os autores do estudo chamaram esse fenómeno de “tokenismo” – vista como uma prática de fazer apenas um esforço superficial ou simbólico para ser inclusivo para membros de minorias, especialmente recrutando um pequeno número de pessoas de grupos sub-representados para dar a aparência de igualdade racial ou sexual dentro de uma força de trabalho.

(In)formalizando



Benjamin Paulo,
responsável
pela Twapama

EMPRESA DE TRANSFORMAÇÃO DE MOTAS, BICICLETAS E CONTENTORES

Twapama queixa-se de falta de financiamento

EMPREENDEDORISMO. Elevados custos de produção não permitem que a Twapama comercialize, a preços baixos, motas e bicicletas transformadas e personalizadas. Empresa procura financiamentos para minimizar custos e regularizar os preços.

Por Redacção

A montadora de motas e bicicletas Twapama enfrenta dificuldades para conseguir manter o projecto por condicionalismos financeiros. A empresa tem proporcionado a possibilidade de os seus profissionais criarem o próprio emprego, mas Benjamin Paulo, director comercial da empresa, queixa-se que “a falta de capital inicial tem condicionado muitos jovens que querem empreender”.

Há três anos que a Twapama transforma e personaliza moto-

rizadas, bicicletas e contentores em diversas superfícies comerciais móveis. “Sentem o negócio a cair por causa do fraco poder de compra do público-alvo”, afirma Benjamin Paulo. “E isto faz com que tenhamos muitas solicitações, mas as pessoas não compram”, reforça

O custo de produção ronda os 80% do valor do produto final. Uma motorizada nova e personalizada de três rodas, por exemplo, equipada com expositor e grade para produtos agrícolas, com instalação eléctrica, chega a custar 2,1 milhões de kwanzas. O fabrico fica pelos 1,7 milhões de kwanzas. Ou seja, a margem de lucro é baixa.

Benjamin Paulo acredita, que se houver algum financia-

mento, minimizar os custos de produção e, deste modo, tornam os produtos mais acessíveis. “Já procurámos algumas instituições bancárias que têm estado a dar microcrédito para serem nossos parceiros, mas não respondem”, lamenta.

Por isso, Benjamin Paulo tem ‘corrido atrás’ de apoios financeiros, mas não propriamente empréstimos directos, com um argumento: as taxas de juros são “elevadas”. Em alternativa, defende que os bancos deveriam facilitar o crédito a quem adquirisse as motas. Sem muitas soluções, a empresa vai sobrevivendo com dificuldades na compra de matéria-prima. Desta forma, também não consegue responder positivamente

aos clientes que solicitam pagamentos parcelados.

OLHOS NA INDÚSTRIA

A administração da fábrica artesanal sonha também em transformar-se numa unidade industrial caso consiga o apoio. “Esperamos que, até ao final do ano, consigamos tornar-nos numa indústria”, confia Benjamin Paulo.

A Twapama-Soluções de Negócios tem em carteira a construção de uma unidade industrial para atender às necessidades, não só de angolanos, como também regionais. Os planos passam por instalar uma unidade para a montagem de bicicletas, motorizadas, triciclos e quadriciclos, para apoiar a venda ambulante, e a construção de equipamentos marítimos. Criar uma unidade para a transformação de contentores para vários fins comerciais também entra nos planos da empresa.

A previsão de investimento ronda os sete milhões de dólares, com a aquisição de um espaço na Zona Industrial, a compra de

equipamentos e a formação dos técnicos no exterior.

A transformação de motas requer a compra de materiais. E isso é feito com dificuldade devido à escassez no mercado. Por exemplo, tem faltado chapas inox. Quando as há custam, as de 1m20, entre 120 a 130 mil kwanzas cada uma. “O nosso produto torna-se caro”, admite Benjamin Paulo, que acrescenta outro problema: os preços estão sempre em oscilações.

As dificuldades encontradas na aquisição de material têm condicionado o crescimento da empresa, admite o director comercial da Twapama, que garante já ter apresentado algumas propostas a organismos públicos como os ministérios da Acção Social, Família e Promoção da Mulher (Masfamu) e da Economia e Planeamento (MEP) e o Conselho Nacional da Juventude (CNJ), para que, por via do PREI, sejam solicitados no sentido de ajudarem o Governo a criar soluções para um grupo de jovens que precisam dos serviços.

Taça Cheia

A still life photograph with a warm, orange-gold background. In the center is a tulip-shaped glass filled with red wine. Behind it is a dark wine bottle. In the foreground, a large bunch of dark purple grapes is visible. The overall mood is sophisticated and elegant.

96.1 fm

Rádio Essencial

Todos
os sábados,
às 19:00,
com
**Sebastião
Vemba**

Opiniões

E agora pergunto eu...



Geraldina Embaló
Directora-Geral
Adjunta

Na semana que passou, decorreu a Cimeira União Europeia e União Africana em Bruxelas, que contou com a presença de mais de 40 líderes dos dois continentes, e, quem foi desta vez 'ao passeio' em representação de Angola foi o vice-Presidente da República, Bornito de Sousa (o que esperemos que tenha tornado a viagem bem mais barata para os cofres públicos do que se fosse o chefe com toda a 'entourage' que tende a segui-lo aonde vai).

Os fóruns deste tipo têm utilidade na medida em que reúnem decisores de vários países dos dois continentes e que têm o potencial de criar sinergias e projectos capazes de transformar as vidas de milhões de pessoas, a decisão quanto à produção de vacinas contra a covid-19 em países africanos é um exemplo. No entanto, tornam-se 'passeios' sem grandes consequências, à medida que os resultados práticos, em termos de reduções efectivas das assimetrias na qualidade de vida dos do hemisfério norte em relação aos do hemisfério sul, permanecem teimosamente imutáveis.

Há séculos que África se mantém na cauda do desenvolvimento mundial apesar de todas as riquezas do subsolo e simultaneamente apesar de ser o receptáculo de vários tipos de solidariedade e de 'ajudas' há décadas. Errar é humano, mas insistir no erro já é dificuldade de aprendizagem... Pergunto-me, quando é que as nossas lideranças vão perceber que a solução provavelmente não pode vir de fora... É que, enquanto insistem no erro, África mantém-se na cauda do desenvolvimento de tal maneira que milhões de africanos conti-

nuam a arriscar a vida e milhares a morrer todos os anos no mediterrâneo ao tentar fugir do continente berço, rumo a uma Europa prometida. Uma dinâmica incómoda, mas que não se alterou apesar das cimeiras, dos fóruns das cooperações e de tudo um pouco que se viu o ocidente fazer para incentivar o desenvolvimento africano nas últimas décadas.

A novidade desta cimeira terá sido provavelmente introduzida pela pandemia, que obrigou a que essas reuniões tenham agora pontos comuns de maior urgência e interesse partilhado. Sendo o interesse partilhado a verdadeira chave, da cooperação.

Com as variantes do covid-19, foi aumentando a consciência de que a pandemia não desaparecerá enquanto o continente africano não estiver a um nível mais avançado em termos de capacidade de vacinação e o resultado prático foi o anúncio de que o Senegal e

o Ruanda vão produzir vacinas já em 2023. Uma solução que vem de fora, na forma de fábricas pré-fabricadas pelas farmacêuticas e contentorizadas, mas, pelo menos, é uma solução objectiva e tangível para um problema também objectivo e que visa o interesse comum.

Uma das limitações destas cimeiras internacionais é que as realidades são tão díspares que as resoluções, mesmo as que prometem bilhões de euros em financiamento (como é o caso desta que anunciou mais 150 mil milhões de euros), tendem 'a morrer na praia' em termos efectivos de melhoria da qualidade de vida dos africanos.

Quando os europeus falam em melhorar a qualidade de ensino pensam em construir mais escolas, em dotá-las de equipamentos de acesso às tecnologias, não pensam nos problemas mais profundos que temos por aqui, porque essa não é uma realidade necessariamente familiar. Aqui, há esco-

las de chapa, que chove lá dentro, alunos com aulas debaixo das árvores, professores sem formação, sem quadros, sem giz, sem transporte para chegar à escola, muitas vezes, em locais sem acesso, e, sobretudo a receber de salários de miséria que os obrigam a dar aulas em vários sítios e a não se concentrar em nenhum, enquanto se focam em dar de comer aos seus. Quando os europeus falam em prevenção da covid-19 (e os nossos governantes repetem sem processar), não visualizam as casas de banho maioritariamente destruídas e sem água corrente para a lavagem das mãos.

Os europeus também não consideram necessariamente que os investimentos na educação são também diluídos pelas taxas de crescimento populacional que ultrapassam em larga escala a efectividade e a eficiência desses investimentos públicos. Quando os europeus falam de melhorar a

qualidade do ensino, não consideram que temos decisores políticos confortáveis com o estado miserável de coisas e que defendem o status quo de, como ouvi num debate em que a ex-vice-ministra da Educação Alexandra Simeão, visivelmente teve de se conter, "não se pode dizer que a educação não tem qualidade".

A eficiência do investimento na educação em África é a mais baixa do mundo, segundo estatísticas da UNESCO. O investimento em escolas secundárias, por exemplo, tem uma eficiência de cerca de 41%, ao passo que, na União Europeia, o mesmo investimento tem uma eficiência perto de 83%, mais de o dobro.

Enquanto não resolvemos as razões na origem dessa perda de eficiência, vamos continuar a atirar dinheiro para um problema que não se vai resolver e a fazer obras como muitas que temos visto, que gastam orçamentos e, pouco tempo depois, não funcionam, não têm profissionais e degradam-se completamente.

Em Angola, temos uma mistura gassosa de ingredientes que só podem resultar numa educação sem qualidade nenhuma mesmo. Temos taxas de crescimento populacional que não há PIB e investimento público que aguentem, fraco investimento público na educação, e, talvez o pior dos ingredientes, líderes políticos tão confortáveis com esse estado de coisas que a prioridade é investir em sectores como a defesa e na construção de aeroportos, como anunciou esta semana o Governo, apesar dos vários que temos no país sem qualquer rentabilização. E agora pergunto eu, como mudar esse quadro? Provavelmente nem mudar os líderes chega.

Na semana que passou, o porta-voz do partido no poder disse, como não poderia provavelmente dizer diferente, que espera que o partido no poder lá fique por mais 50 anos. Misericórdia!

Para mudar o quadro, o da educação e dos outros que mantêm Angola e o resto do continente na causa do desenvolvimento, é, de facto, necessário um reset completo, uma mudança de paradigma e que funcione a partir de dentro, e que não dependa das boas vontades de fora. Será o partido que aí está há quase 50 anos capaz de uma mudança dessa envergadura?

Correu tao 'bem' até agora...



Para mudar o quadro, o da educação e dos outros que mantêm Angola e o resto do continente na causa do desenvolvimento, é, de facto, necessário um reset completo, uma mudança de paradigma e que funcione a partir de dentro, e que não dependa das boas vontades de fora.

“Em suma, com a clarificação introduzida pelo OGE/2021, deixa de haver margem para interpretações...”



OGE 2021: regras claras sobre a dedutibilidade dos custos em sede de Imposto Industrial



Silveira Nunda,
- TAX



Daniela Mendonça
- TAX

No contexto do desenvolvimento da actividade, as empresas incorrem/suportam custos de modo a operacionalizarem os objectivos. Pelo que, numa perspectiva fiscal, levantar-se-á a seguinte questão: “Quaisquer custos registados pelas empresas

são tidos como custos dedutíveis em sede de Imposto Industrial?”

E, para responder a esta questão, é importante tomar em consideração o princípio fundamental segundo o qual devem ser considerados apenas os custos indispensáveis para a manutenção da fonte produtora e/ou realização dos proventos e ganhos das empresas, conforme espelha a Lei n.º 26/20 de 20 de Julho, que aprovou as mais recentes alterações ao Código do Industrial. Ou seja, são considerados custos fiscalmente dedutíveis aqueles que, directa ou indirectamente, são indispensáveis para a prossecução dos objectivos da empresa. O que significa que ainda que os custos não tenham um impacto directo na geração de rendimentos tributáveis, devem indiscutivelmente estar associados à manutenção das operações da empresa e, dessa forma, indirectamente, contribuir para gerar resultados.

Adicionalmente, a dedutibilidade destes mesmos custos está condicionada sob uma perspectiva formal à verificação dos requisitos dispostos no presente Regime Jurídico das Facturas e Documentos Equivalentes (RJFDE), tornando viável a validação dos mesmos sob esse prisma. Uma factura ou documento equivalente que não esteja em conformidade com o RJFDE não será aceite e o correspondente custo não será dedutível para efeitos de Imposto Industrial.

Por outro lado, e de acordo com o disposto no Orçamento Geral do Estado (OGE) de 2021, não deverá ser reconhecido como custo dedutível para efeitos de Imposto Industrial o Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) que não tenha sido deduzido pelo contribuinte na respectiva declaração periódica de IVA ‘Modelo 7’, nos casos em que a não dedutibilidade do IVA advenha de se

constatar o incumprimento das premissas para a sua dedutibilidade (ex: facturas com antiguidade superior a dois meses, falta de algum elemento plasmado no RJFDE).

Por conseguinte, e em virtude deste quadro juridico-tributário, é fundamental que as empresas assegurem a implementação e boa manutenção de mecanismos de controlo destes requisitos legais, ao nível do apuramento da colecta do Imposto Industrial e do IVA, sob pena de serem criados riscos de a Administração Geral Tributária poder realizar correcções com sucesso, às quais acrescerão juros e multas.

Em suma, com a clarificação introduzida pelo OGE/2021, deixa de haver margem para interpretações, estando reunidas as condições para as empresas poderem actuar proactivamente para garantir eficiência fiscal e evitar litigância com a AGT.

Economia 100 Makas

Não é com os salários de miséria que vamos lá...

Dividindo os 7,3 biliões de kwanzas da remuneração dos empregados em 2019 pela população empregada no mesmo ano de cerca de 9.750.000 em média, temos um salário médio de cerca de 748 mil kwanzas anuais ou aproximadamente 62.500 kwanzas mensais, à volta de USD 171.



Carlos Rosado de Carvalho,
jornalista e
professor de
Economia

O peso dos salários no Produto Interno Bruto (PIB) de Angola caiu quase cinco pontos percentuais (pp) em 10 anos, de 28,7% em 2009 para 24,0% em 2019, de acordo com o anuário das contas nacionais 2009-2019 publicado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) no início deste mês que nos dá o valor do PIB de acordo com as três ópticas de cálculo.

O PIB representa a riqueza produzida pelos residentes de um determinado território, num certo período de tempo, normalmente um ano, medida a preços de mercado.

A riqueza produzida pode ser medida segundo três ópticas:

Na óptica da oferta ou da produção, o PIB, a custo de factores, é a riqueza gerada pelas empresas dos diferentes ramos de actividade económica medida pelo valor acrescentado bruto (VAB). Por sua vez, o VAB é a diferença entre a produção e os consumos intermédios usados nessa produção, a preços base. Se somarmos os impostos indirectos e subtrairmos os subsídios recebidos temos o PIB a preços de mercado, que não é mais do que a soma dos bens e serviços finais produzidos numa economia durante um determinado período de tempo.

Aquilo que se produz num território vai para consumo, público e privado, e investimento ou é vendido ao estrangeiro sob a forma de

exportações. Como nem tudo o que se consome ou é exportado é produzido internamente subtraem-se as importações para chegar ao PIB na óptica da despesa.

Aquilo que se produz é igual ao que se gasta e ao que se ganha. Ou seja, o PIB na óptica da produção e da despesa é igual ao PIB na óptica do rendimento, isto é, a soma das remunerações do trabalho, basicamente salários, dos impostos líquidos de subsídios sobre a produção e a importação e do excedente bruto de exploração, que grosso modo correspondem aos lucros.

É a partir do PIB, na óptica de rendimento, que é possível analisar como se distribui a riqueza gerada numa economia, a qual, grosso modo,

vai para salários, impostos e lucros.

Em 2019, segundo o INE, o PIB angolano foi de cerca de 30,3 biliões de kwanzas distribuído da seguinte forma: salários 7,3 biliões kwanzas ou 24% do total; lucros 22,1 biliões de kwanzas ou 73% e impostos 924,5 mil milhões kwanzas ou 3%.

Ou seja, apenas um em cada quatro kwanzas de riqueza gerada vai para o bolso dos trabalhadores. Digo apenas, porque, no Brasil e em Portugal, o peso das remunerações dos empregados é o quase o dobro do de Angola. Em 2019, os trabalhadores brasileiros ficaram com 43,5% da riqueza gerada e os portugueses com 45,3%.

Dividindo os 7,3 biliões de kwanzas da remuneração dos empregados

em 2019 pela população empregada no mesmo ano, da ordem de 9 750 000, em média anual, temos um salário médio de cerca de 748 mil kwanzas anuais ou aproximadamente 62 500 kwanzas mensais, à volta de USD 171. Infelizmente, não disponho de dados para Portugal e para o Brasil para as devidas comparações, mas acredito que sejam muito superiores.

Infelizmente também não posuo dados mais recentes para Angola. Como referi, o anuário das contas nacionais publicado pelo INE vai de 2009 a 2019.

Mas como os últimos aumentos do salário mínimo e da função pública foram em 2019 não deve haver diferenças significativas. Ou

seja, a parte da riqueza gerada em Angola que vai para os trabalhadores é muito baixa e precisa de ser aumentada se quisermos ter um país mais equilibrado do ponto de vista da distribuição do rendimento.

Nesta perspectiva, os aumentos salariais anunciados pelo Governo para o salário mínimo e para os funcionários públicos vão o bom caminho (apesar do evidente elitismo).

Existem riscos de inflação? Claro. Existem empresas que vão ter dificuldades em aplicar os novos salários mínimos? Evidentemente que sim.

Mas também não há crescimento sustentável com salários de miséria. Por isso, o Governo também andou bem ao discriminar positivamente os salários mais baixos.

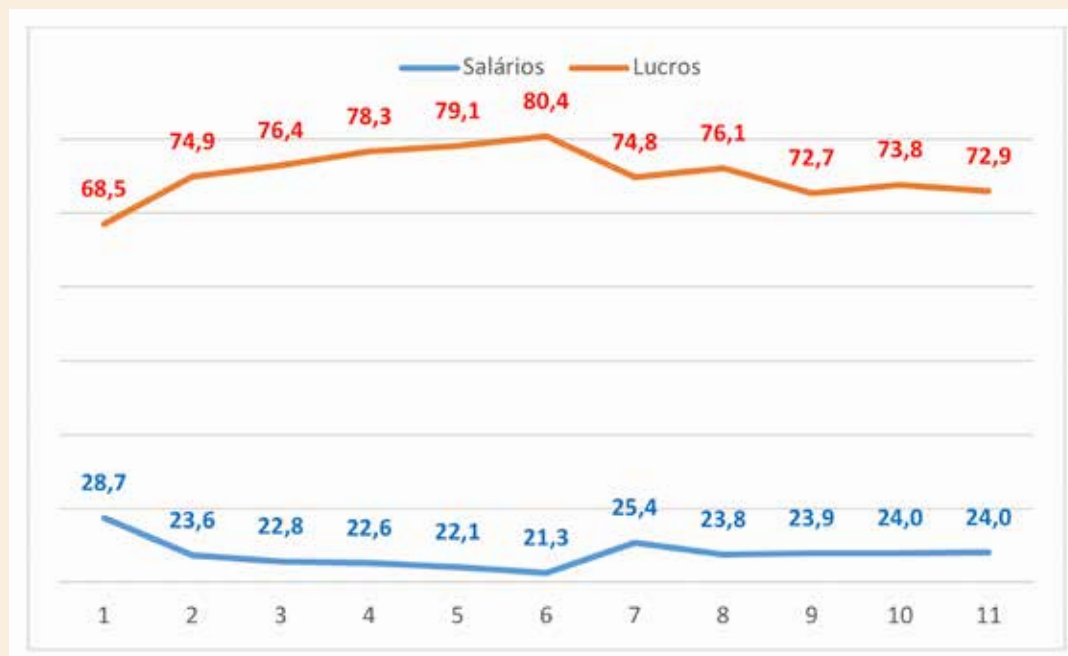
Quanto mais rico se é, maior a tendência para consumir bens e serviços importados — grande parte do que comem, bebem e vestem vem do estrangeiro; os filhos estudam lá fora e também é lá fora que tratam da sua saúde; tão-pouco as suas mobílias, os seus electrodomésticos e os seus carrões são fabricados cá.... Como referido anteriormente, os bens e serviços importados não contam para o PIB.

Já com os mais pobres sucede o contrário, têm tendência a consumir mais bens e serviços produzidos em Angola — a maior parte do seu orçamento vai para a alimentação, bebidas e vestuário, bens mais susceptíveis de serem fabricados localmente; os seus filhos estudam no país e tratam-se em hospitais nacionais.

Uma vez que o consumo dos mais pobres tem uma componente nacional maior do que o consumo dos mais ricos, uma melhor distribuição da riqueza contribuiria para potenciar a produção nacional, isto é, para crescer mais.

Como é distribuída a riqueza gerada em Angola

● Remuneração dos empregados e excedente operacional bruto, incluindo rendimento misto, em % do PIB



Fonte: INE



Jornal Valor Económico

Visite o site www.valoreconomico.co.ao

Regista-te



Sobre

Ver tudo

11 343 pessoas gostam disto, incluindo 71 dos seus amigos



11 800 pessoas seguem isto

<http://www.valoreconomico.co.ao/>

936272323

Enviar mensagem

Empresa de comunicação e notícias

Fotos

Ver tudo



Uma das publicações recentes da página do Valor Económico, que esta semana alcançou mais de 60 mil internautas e perto de oito mil interações, noticiava a iniciativa Café Cipra da presidência de “mostrar o país real e verdadeiro”.

Na apresentação do evento o secretário do Presidente da República para os Assuntos de Comunicação Institucional e Imprensa, Luís Fernando, explicou que a ideia é mostrar aquilo que tem sido feito pelo Governo e mandou recados aos que chama “negacionistas que acreditam que o país está parado”.

Os comentários são selecionados segundo critérios que visam reflectir a diversidade e qualidade de opiniões sobre os temas do Valor Económico.

Gralhas e discussões personalizadas são editadas para publicação.

Leia na íntegra em www.valoreconomico.co.ao

Facebook/Comentários



Fortis Epopi Barroso

O que me inquieta e frustra é que têm movido e promovido um conjunto de eventos e encontros que deviam ser promovidos antes de 2022. Para mim existe sim um país real e verdadeiro, aquele que eu vejo todos os dias e que não preciso da explicação de ninguém sobre ela. Que o país está mal, está. Que a vida anda difícil, anda. Que as coisas andam cara, andam. Que a fome existe, existe. Que há um aumento no desemprego a nível nacional, sim há. Que isso tem provocado o aumento do índice de prostituição e criminalidade, tem. Então não me venha explicar algo diferente daquilo que eu tenho visto



Helder Ribeiro

Era o que mais me faltava os membros do governo mostrarem-me o país real! Raios os partam...



Chongolola Ferreira Dias

Esses senhores andam muito de carros topo de Gama e jactos particulares, é por esta razão que tem uma visão egocêntrica!



Lourenço Manuel

Até a presidência deu conta que isto não é país real, é um conjunto de memes



Miguel Fuller

Existe um país real e verdadeiro segundo o governo, e existe um país mais real e verdadeiro segundo a população. É essa segunda opção que incomoda tanto o governo que reagem como raivosos a qualquer comentário.



Solochi Solochi

Quem vive no palácio pensa de uma forma quem vive na kubata também pensa diferente, pensamentos resultantes de visões diametralmente opostos. O marinheiro não pensa como o piloto de avião. Negacionistas não, ilustre palaciano, visões diferentes em função da fome relativa, e fartura grátis



Hs Da Silva Hudson

País real? Só se for o país que o Mpla vive mostrando lá fora.



Poliandro Bartholomeu

Sinceramente! Esses não vivem em Angola. Se de facto vissem o país real com os olhos de ver, ficariam envergonhados...



Pedro Clemente

Eles é que precisam conhecer o país real. Como é que vão mostrar algo que não conhecem?



Divaldo Cruz

Esta gente, não conhece o país real



Josechico Jose

Que tipo de residência que ele vive? Qual é o salário dele? Andam a pé ou nos táxis? Têm andado quilómetros a pé em busca de alimentos, já lhe FALECEU um filho no colo na porta do hospital em que o remédio é receita? Os filhos deste estudam debaixo das árvores? Que país real que mostrar chefe? Só falam e enganam o PR porquê? Nós andamos à volta das verdadeiras reais dificuldades a que Angola e os cidadãos vivem.



HP Chú

A piada de sempre..



José Maíke Da Costa Costa

Vocês em inventam lixo

Para receber o VALOR todas as semanas, basta enviar o seu e-mail para 941784791 / 2

Contribua para manter o jornalismo de qualidade.

GEM Angola Global Media, Lda

Iban:
0051 0000 7172
9933 1512 7

Covid-19

RESTRIÇÕES NA NOVA ZELÂNDIA

Suspensão só “muito depois” do pico

A primeira-ministra da Nova Zelândia avisa que as restrições contra a covid-19, que incluem exibição de certificados digitais de vacinação, vão deixar de ser obrigatórios apenas quando o país estiver “muito para lá” do pico do surto de Omicron.

Numa entrevista colectiva na segunda-feira, Jacinda Ardern

explicou que os números de casos irão atingir, provavelmente, o ponto mais alto em meados de Março ou daqui a três a seis semanas.

O anúncio da ministra ocorre no momento em que centenas de manifestantes entram no 14.º dia de ocupação do terreno anexo ao parlamento.

A onda de protestos também desencadeou um sentimento de reacção à vacina, teorias da conspiração e até pedidos de execução

de jornalistas, políticos e autoridades de saúde, garante o jornal britânico The Guardian. Jacinda Ardern responde que “as restrições serão aliviadas quando isso não comprometer a vida de milhares de pessoas, e não porque os manifestantes assim o exigem”.

Acrescenta que agora não é “hora de desmantelar” todo o trabalho e preparação e pede aos neozelandeses que não se “remova a armadura no início da batalha” contra a pandemia de Covid-19.



ORDEM DOS MÉDICOS DE PORTUGAL

Gabinete de crise cessa funções



O Gabinete de Crise da Ordem dos Médicos para a covid-19 de Portugal deve cessar funções, devido à evolução positiva da pandemia, e “será transformado” para passar a acompanhar as ameaças e desafios da Saúde, anunciou hoje

o bastonário Miguel Guimarães.

“O Gabinete foi constituído por um grupo de especialistas de diferentes áreas em Janeiro de 2020, ainda antes de a Organização Mundial de Saúde ter declarado a covid-19 como pandemia e dos primeiros casos de infecção em Portugal, que foram registados no início de Março do mesmo ano.

Uma vez que Portugal vai “entrar numa fase endémica dentro de pouco tempo” e perante a elevada taxa de vacinação e de imunização natural provocada pela infecção, “é altura de encerrar o trabalho do Gabinete de Crise”, referiu o bastonário dos médicos.

De acordo com Miguel Guimarães, o objectivo passa agora por ter um “gabinete novo virado para as necessidades em termos globais e desafios do país” na área da Saúde, como o “número preocupante” de pessoas que mantiveram sintomas após a recuperação da infecção, uma condição conhecida como ‘longcovid’, a actividade assistencial aos doentes não-covid e a saúde mental.

A Ordem dos Médicos pretende também que o novo gabinete funcione como um observatório que permita fazer a “vigilância activa do que vai acontecendo a nível internacional” de potenciais ameaças ao nível da saúde, adiantou o médico.

Em Portugal, desde Março de 2020, morreram 20.866 pessoas e foram contabilizados 3.193.178 casos de infecção, segundo a última actualização da Direcção-Geral da Saúde.

PARA CONVENCER OS CÉPTICOS

Alemanha lança vacinas à base de proteínas

O governo da Alemanha vai oferecer à população uma nova vacina contra a covid-19 com a qual espera convencer uma minoria expressiva de alemães a serem inoculados.

Como adianta o The Guardian, cerca de 1,4 milhões de doses da vacina desenvolvida pela Novavax vão chegar ao país esta semana, depois do imunizante ter sido aprovado pela União Europeia em Dezembro.

Por ser uma vacina baseada em proteínas, e que pode ser comparável às vacinas da gripe, o governo de Olaf Scholz tem esperança em convencer as pessoas que têm resistido em receber as vacinas mRNA que são usadas mais frequentemente.

Para além dos 1,4 milhões de doses de vacinas Nuvaxovid que chegam esta semana, o governo alemão avança que vai receber mais um milhão de doses na próxima semana. No total, a Alemanha encomendou 34 milhões de doses de vacinas da Novavax para este ano.

Até ao momento, apenas a Indonésia e as Filipinas vacinaram as populações com o imunizante concebido pela Novavax. Nos Estados Unidos, por exemplo, ainda se aguarda por autorização. Sondagens na Alemanha apontam para um interesse considerável na vacina da Novavax entre os 19,8 milhões de habitantes que recusaram ser vacinados até agora.

A RAINHA ISABEL II cancelou os seus compromissos virtuais agendados para esta terça-feira por continuar a apresentar sintomas de covid-19 depois de testar positivo, como anunciou o Palácio de Buckingham, domingo (20).

ANUNCIA PM DO REINO UNIDO

Restrições terminam na quinta-feira

O auto-isolamento para pessoas que testem positivo para a covid-19 no Reino Unido será abolido a partir de quinta-feira (24), anunciou, na segunda-feira, o primeiro-ministro britânico.

Boris Johnson exortou a população britânica a exercer responsabilidade pessoal e garantiu, no Parlamento inglês, que é hora de afastar as restrições contra a covid-19 uma vez que, embora a pandemia não tenha terminado, os dados apontam para “já ter passado o pico da onda Ômicron”. O teste universal gratuito vai terminar em Inglaterra no dia 1 de Abril, garantiu Boris Johnson. “A partir do primeiro dia de

abril, quando o inverno terminar e o vírus se espalhar menos facilmente, encerraremos os testes sintomáticos e assintomáticos gratuitos para o público em geral”, apontou, garantindo que o governo vai continuar a fornecer testes sintomáticos gratuitos para as faixas etárias mais velhas e mais vulneráveis. Os custos ascenderam aos 2,4 mil milhões de euros.

As medidas deveriam caducar dentro de um mês, a 24 de Março, mas o executivo britânico decidiu antecipar a data e avançar com o que apelidou de estratégia “aprender a viver com a covid”, substituindo a interven-

ção do governo pela responsabilidade pessoal individual.

Alguns sistemas de vigilância e planos de contingência continuarão, para responder ao aparecimento de novas variantes do vírus, mas o pilar principal do combate à covid-19 vai ser o programa de vacinação, medicamentos antivirais e a imunidade da população. Para o chefe do governo, este é um “momento de orgulho”, pois o Reino Unido é um dos primeiros países a remover as medidas de contenção introduzidas há dois anos, colocando-o “um passo mais perto do regresso à normalidade”.



ALERTA BILL GATES

“Está a chegar outra pandemia”

O co-presidente da ‘Fundação Bill & Melinda Gates’, Bill Gates, disse que os riscos do desenvolvimento de doenças graves da covid-19 “reduziram drasticamente”, mas sublinhou que o surgimento de outra pandemia é “quase certo”.

Em declarações à ‘CNBC’, Gates alertou que essa nova pandemia provavelmente resultará de um patógeno diferente do da família do coronavírus. “Temos outra pandemia. Mas será um patógeno diferente da próxima vez”, afirmou.

Ainda assim, ressaltou que os avanços na tecnologia médica devem ajudar o mundo a fazer um trabalho melhor ao tentar combatê-la, isto se os investimentos forem feitos neste momento.

Dois anos após o início da pandemia de coronavírus, Gates

disse que os piores efeitos desapareceram à medida que grandes faixas da população global ganharam algum nível de imunidade. A gravidade também diminuiu com a última variante Ômicron.

“O risco de desenvolver doença grave, que está principalmente associado a ser idoso e ter obesidade ou diabetes, é agora drasticamente reduzido por causa dessa exposição à infecção”, reiterou.

No entanto, segundo o filantropo, em muitos locais isso deve-se ao próprio vírus, que cria um nível de imunidade e “fez um trabalho melhor em chegar à população mundial do que as vacinas”.

O responsável disse ainda que já é “tarde de mais” para atingir a meta da Organização Mundial da Saúde (OMS) de vacinar 70% da população global até meados de 2022. Actualmente 61,9% da população mundial recebeu pelo menos uma dose da vacina contra a covid-19.



PARA PRODUÇÃO DE VACINAS

África vai receber tecnologia mRNA

A vacinação, com vacinas com tecnologia mRNA, tem sido a principal arma no combate à pandemia por covid-19. Os resultados são mais que evidentes à escala mundial e nesse sentido é necessário garantir a vacinação ao maior número de pessoas.

Egipto, Quênia, Nigéria, Senegal, África do Sul e Tunísia serão os primeiros seis países que receberão a tecnologia necessária para produzirem vacinas mRNA no continente africano.

Centro global de transferência

de tecnologia mRNA foi estabelecido em 2021

O director-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, fez o anúncio da transferência de tecnologia mRNA durante a cimeira União Europeia/União Africana (UE/UA), que decorre desde quinta-feira em Bruxelas.

O centro global de transferência de tecnologia mRNA foi estabelecido em 2021 para apoiar fabricantes em países de baixo e médio rendimentos a produzir as

próprias vacinas, assegurando que possuem todos os procedimentos operacionais e conhecimento necessários para fabricar vacinas mRNA à escala e de acordo com as normas internacionais.

Criado principalmente para fazer face à emergência da pandemia, o centro tem o potencial de expandir a capacidade de fabrico de outros produtos, colocando os países na liderança, quando se trata dos tipos de vacinas e outros produtos de que necessitam para enfrentar as prioridades sanitárias.

Marcas & Estilos



Verdadeiramente atemporal

Este é o M&Co Bodoni do designer Tibor Kalman, o relógio na sua forma mais clássica. 'Waste Not a Moment' é a frase-guia por trás da colecção. Criado em 1984, apresenta o icónico tipo de letra Bodoni, caracterizado pela tensão vertical.



Não basta ser, é preciso parecer

Estes brincos de balanço de chita foram projectados para si, que não dispensa um bom toque de requinte quando o que está em causa é a beleza e o bem-estar. Aliás, a boa aparência é especialidade John Wind Jewelry.



AUTOMÓVEL

A sonoridade do luxo

Esta versão do Porsche combina um motor eléctrico de 136 cavalos a um V6 3.0, resultando numa potência combinada. A nova transmissão automática Tiptronic S é a mesma adoptada em toda a família Cayennom. O híbrido acelera de zero a 100 km/h em 5 segundos e chega aos 253 km/h. Com electricidade, o veículo pode percorrer 44 km a 135 km/h. A bateria de iões de lítio pode ser carregada em até oito horas nos carregadores domésticos, e em cerca de duas ou três horas nas estações de recarga rápida.

AGENDA

LUANDA

26 DE FEVEREIRO

Jovens da Mulemba apresentam a peça teatral 'Óbito de Aluguer', no Wyza Anfiteatro, às 18h00. Entradas gratuitas. Mais informações em 934567627.

13 DE MARÇO

Centro de Conferências de Belas acolhe o teatro 'Belas e Perigosas', em duas sessões: uma às 16h00 e outra às 20h00.

ATÉ 03 DE ABRIL

Decorrem as inscrições para o Global Management Challenge Angola 2022, um evento que consiste numa simulação empresarial interactiva em que cada equipa gere uma empresa para o melhor desempenho.

LISBOA

ATÉ 18 DE MARÇO

Exposição de pintura 'Gina Dama (Meu Nome Minha História)' inaugurada no dia 18 de Fevereiro. Uma iniciativa dos artistas angolanos Grácia Ferreira e Silvestre Quizembe. A partir das 17h00, na galeria Artistas de Angola, em Lisboa.

LIVROS



BRYCE QUINLAN e Hunt Athalar fizeram um pacto. Enquanto processam os eventos da última primavera, eles irão manter as coisas... platónicas... até o solstício.



REDIGIDA entre Julho e Dezembro de 1849, a novela 'Um Pequeno Herói' nada revela das terríveis condições em que foi escrita.



TURISMO

Onde a natureza foi gentil

O Parque Nacional da Quiçama pode ser um dos locais mais atractivos para se visitar. Está a pouco mais de uma hora de Luanda. É um espaço onde é possível avistar girafas, zebras, elefantes, impalas, veados, gnus, avestruzes e tantos outros encantos da fauna e ora locais. Os visitantes, com as regras a que estamos todos sujeitos, podem deliciar-se com os pratos típicos, do calulu com funje de bombo ou pirão, ao choco grelhado com batata frita ou cozida. A diversão pode começar com um delicioso passeio de barco pelo Rio Kwanza, que nasce no Bié e desagua em Luanda, no Atlântico.

Ambiente

DE ELEFANTES ADULTOS

Três detidos por tráfico de marfim

Pelo menos, três pessoas foram detidas, em Luanda, pelo Serviço de Investigação Criminal (SIC), depois de terem sido apanhadas com 30 quilos de marfim.

A detenção foi feita em Cacuaco pela Direcção Central de Combate ao Tráfico Ilícito de Pedras, Metais Preciosos e Crimes Ambientais, no âmbito de um trabalho de investigação, depois de uma denúncia.

De acordo com o porta-voz do SIC, superintendente de Investigação

Criminal Manuel Halawia, os detidos, de 37, 42 e 47 anos, tinham em posse quatro troféus de marfim bruto de elefantes adultos, bem como 21 anéis, 38 pulseiras, uma fita metálica e uma balança.

O SIC, disse o responsável, apurou de forma preliminar que os troféus de marfim foram obtidos por via de indivíduos no Bengo e seriam vendidos a estrangeiros.

As peças provêm de animais cuja caça e a comercialização da carne e marfim são proibidas, por isso, o SIC apela para a consciência de protecção e preservação da flora e fauna nacionais.



APONTAM ESPECIALISTAS

Poluição, a principal causa da degradação do ambiente

A desflorestação, poluição mineira, queimas e poluição dos rios estão entre as principais causas da degradação da fauna e flora do planeta, esclarecem especialistas em economia verde.

A conclusão foi manifestada na passada semana, em Luanda, durante um seminário sobre 'a importância do uso dos diversos tipos de resíduos na diversificação e consolidação da economia nacional e o seu reflexo sobre o meio ambiente e a sociedade'.

Para o pesquisador Tomasso de Pipo, a agressão ao meio ambiente prejudica o bem-estar

das comunidades, pois coloca em causa o sustento alimentar do ser humano.

Ao abordar a "economia circular e transição verde no contexto do desenvolvimento do país", o especialista defendeu que o sucesso da economia verde passa pelo recusar, reflectir, reduzir e posteriormente reciclar os resíduos.

O professor universitário, André Barros, entretanto, apelou ao reaproveitamento de resíduos e dessalinização das águas do mar, uma vez que 97 por cento da água do mundo é salgada.

Já o ministro da Cultura, Turismo e Ambiente, que também participou do evento, apontou a necessidade da transformação dos

resíduos sólidos em renda e combustível, um dos grandes objectivos do Governo, com vista a diminuir a ameaça da biodiversidade e assegurar o desenvolvimento da sociedade.

Filipe Zau acredita ainda que, para a dinamização e crescimento do turismo, é necessária a diminuição do lixo a nível das vias e a transformação da água salgada em doce.

Questões relacionadas com 'Economia Circular e a Transição Verde no Contexto de Desenvolvimento do País', 'Processo de Resíduos e Dessalinização de Água no Contexto da Transição Verde da Economia Circular' são algumas das preocupações dos especialistas.

NÚMEROS DA SEMANA

4,7

Mil milhões kz, valor transaccionado, nos últimos seis anos, na Bolsa da Dívida e Valores de Angola (Bodiva), que vai à privatização este ano.

36

Milhões de barris, volume total de barris de petróleo que Angola produziu em Janeiro, com uma média diária de 1,181 milhões.

5,5%

Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) alcançado pelas principais economias mundiais, em 2021.

750

Milhões de dólares, valor gasto em 2021 na execução do Plano Integrado de Intervenção nos Municípios (PIIM).



Pedro Pessoa e Costa apresentou cumprimentos de despedida a João Lourenço

VISTOS DIFÍCEIS

Embaixador português culpa intermediários

A dificuldade de obtenção de vistos por questões de saúde, estudo, trabalho ou visita a familiares não passa de um “mito de supostos intermediários”. A afirmação é do embaixador cessante de Portugal em Angola, Pedro Pessoa e Costa, que, nesta segunda-feira, 21, apresentou cumprimentos de despedida na Cidade Alta ao Presidente João Lourenço.

O diplomata luso, que deixa Angola depois de dois anos de missão, lembrou que a suspensão dos vistos de turismo para o seu país e outros Estados da União Europeia é uma decisão do Espaço Schengen. “Os vistos de turismo estão suspensos não por Portugal, mas pelo Espaço Schengen, essa é a situação”, afirmou Pedro Pessoa e Costa no final da audiência.

Quanto às relações entre Angola e Portugal, disse que espera tê-las deixado melhoradas, “pelo trabalho que existe entre os dois países”, acrescentando ainda que se trata de “uma relação que toca todas as áreas de cooperação e se estende aos cidadãos de ambos os países”.

EM JANEIRO

Preços dos materiais de construção sobem 20,6%

Os preços dos materiais de construção subiram 20,6% em Janeiro, em relação a Dezembro do ano passado.

De acordo com o Índice de Preços dos Materiais de Construção (IPMC), publicado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), os materiais que mais contribuíram para o aumento de preços no mês passado são o aço com 0,6 pp; cimentos e aglomerantes com 0,5 pp; areia com 0,3 pp; alumínio com 0,2 pp; tijolos e tubagem e acessórios de plástico com 0,1 pp cada um. Os demais materiais tiveram contribuições inferiores a 0,1 ponto percentual.

No período homólogo, a madeira e contraplacado registaram maior aumento nos preços com 28,3%, seguidos por outros produtos sintéticos com 27,0%; vigas, vigotas e ripas com 26,7%; produtos sintéticos com 25,6%; aço com 25,2%, e alumínio com 25,0%.



Fócio Mussá, economista-chefe do Standard Bank para Angola.

ECONOMISTA-CHEFE DO STANDARD BANK

Dependência petrolífera reduz, mas “ainda é significativa”

O economista-chefe do Standard Bank para Angola, Fócio Mussá, acredita que a dependência de Angola no sector petrolífero para as receitas do Estado está mais “reduzida, mas ainda é significativa”.

Fócio Mussá lembra que “a elevada dependência no sector petrolífero traz riscos para as perspectivas económicas de Angola”, sendo “necessário mais investimento para reduzir a volatilidade esperada no crescimento económico”.

No primeiro ‘Briefing Económico de 2022’, sob o tema ‘Recuperação do crescimento apoiada por reformas e valorização do preço do petróleo, num ano politicamente movimentado’, organizado pelo Standard Bank, o economista também alertou para a dívida de Angola que ainda permanece elevada. “O Governo mantém os objectivos de consolidação fiscal para assegurar a redução da dívida. De um ‘superavit’ de 3%

em 2021, o Governo pretende evitar um deficit em 2022, apesar das eleições”, recordou.

O economista recomendou, por outro lado, ao Banco Nacional de Angola (BNA) que “prossiga com as reformas para a modernização da política monetária para a implementação de um regime de ‘inflation targeting’”.

Fócio Mussá espera que a conjuntura económica internacional “se mantenha favorável a Angola”, mas adverte que isso “obriga à aceleração das reformas estruturais”, tendo em conta as metas globais da transição energética. “Espera-se que Angola continue a registar progressos nas reformas estruturais e na luta contra a corrupção, mesmo sem um programa com o Fundo Monetário Internacional (FMI)”, referiu, acrescentando que “a conta corrente da balança de pagamentos melhorou substancialmente, suportada pela subida do preço do petróleo e pela contenção das importações, o que, associado ao financiamento externo, ajudou a estabilizar as reservas”.